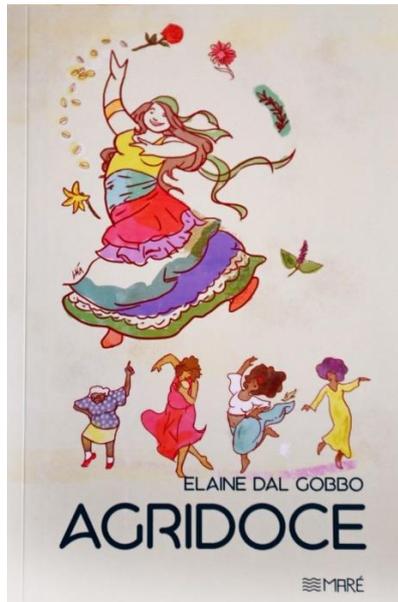


DAL GOBBO, ELAINE. *AGRIDOCE*.  
VITÓRIA: MARÉ, 2024.

---



Elaine Dal Gobbo\*

**N**ascida em 1984, em Vitória, onde sempre trabalhei e desenvolvi a vida acadêmica, fui criada em Cariacica. Costumo dizer que sou *vitoriaticuense*, um adjetivo gentílico que criei para expressar a origem de quem se sente pertencente a essas duas cidades. Em

---

\* Escritora, autora de *Trânsitos de alma*. Mestra em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro da Academia Cariaciquense de Letras.

Cariacica, logo nos primeiros anos da vida escolar, descobri o amor pela leitura e pela escrita de forma concomitante.

Por influência de uma professora de português, escolhi a profissão de jornalista. Formei-me na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória, onde também cursei a especialização em Gestão Estratégica de Marketing e o mestrado em Comunicação & Territorialidades. Agora, curso a Licenciatura Dupla Português/Italiano na mesma Universidade.

Em 2021, aos 37 anos, publiquei meu primeiro livro, *Trânsitos de alma*, com 14 crônicas de viagem. Um ano depois ingressei na Academia Cariaciquense de Letras (ACL). Após a publicação do primeiro livro, passei a ministrar oficinas de escrita, como a realizada para uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio (EMEF) São Jorge, em Rio Marinho, Cariacica, com o produtor cultural e músico Emmanuel7linhas, que culminou no livro *Sobre jovens e adultos*, com microcrônicas e micropoesias dos alunos.

Em seguida, atuei comoicineira no Centro Pop de Cariacica, juntamente com a produtora cultural e dramaturga Thalia Peçanha e a artista plástica Geanna Abreu, atividade que culminou no lançamento do livro *Debaixo do pé de manga*, com textos e desenhos de pessoas em situação de rua. Meu mais recente trabalho com oficinas literárias foi com as de crônicas para mulheres privadas de liberdade da Penitenciária Feminina de Cariacica, trabalho realizado com a escritora Kátia Fialho e que resultou no livro *Um lugar de (e que) fala*.

A escolha pelo Jornalismo e por Letras tem muito a ver com aquela menina que gostava de ler e contar as histórias, mas que, ao colocá-las no papel, na época em que computador era raridade e a máquina de escrever gerava o incômodo de machucar os dedos, não as publicizava, guardando-as na gaveta. A coragem de disponibilizar meus textos para o público leitor veio somente décadas depois. Um

desses atos de coragem, além de *Trânsitos de alma*, é o livro *Agridoce*, segundo livro de minha autoria, lançado em março deste ano, mais precisamente no 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

A data não foi escolhida à toa. *Agridoce* traz 22 crônicas sobre o universo feminino. Leva esse nome porque, quando se trata desse tema, é impossível não falar de questões consideradas difíceis, como violência física, violência sexual, etarismo, desvalorização do trabalho feminino, imposições de padrões de beleza, papéis subalternos atribuídos à mulher na sociedade, cerceamento da vida sexual e tantos outros que, justamente por serem tantos, é impossível enumerar.

Contudo, o livro também fala das mulheres que marcaram a minha vida, como avós, mãe, amigas, professoras, prestadoras de serviço, benzedeira, mãe de santo, e até mesmo personagens da literatura brasileira, como Gabriela Cravo e Canela, manifestando o que chamamos de sororidade, ou seja, as relações de confiança e companheirismo entre as mulheres, um dos lados doces de ser mulher.

*Agridoce*, como compete ao gênero crônica, traz acontecimentos do cotidiano, protagonizados ou não pela autora e filtrados, claro, pela ficção literária. Inicia com a crônica "A Gerusa do passado e a Gerusa do presente", na qual a personagem principal tem como nome fictício Gerusa, uma antiga conhecida minha. O texto trata de um reencontro entre nós duas, após algum tempo sem nos vermos, e traz uma comparação entre a Gerusa da atualidade e a de antigamente. Destaca um processo de mudanças passado por ela, evidenciando toda a desconstrução no que diz respeito, principalmente, ao cerceamento da vida sexual feminina.

O debate sobre o cerceamento da vida sexual feminina também está presente em "A menstruação desceu", trazendo a reflexão sobre como a menarca, algo tão natural, pode ser um divisor de águas na vida da menina, que, de uma hora

para outra, passa a ser tratada como mulher, como adulta, exigindo-se dela que em um estalar de dedos largue o universo infantil e aumentando, principalmente por parte da família, a criação de medos e proibições quanto à vida sexual em vez de educá-las para conhecer seu corpo, impor limites com base naquilo que desejam ou não, e saber usar métodos contraceptivos.

Na crônica “Casa em ‘desordem’”, o que está em evidência é a necessidade de não mais atribuir as tarefas domésticas única e exclusivamente às mulheres. “Culinária” traz uma reflexão semelhante, uma vez que contesta os julgamentos que a sociedade faz perante a mulher que não tem boa desenvoltura na cozinha, sendo contestada, inclusive, no que diz respeito ao seu caráter e valor enquanto mulher por causa dessa falta de habilidade.

Em “Como se fosse da família”, trago personagens com as quais convivi, mas coloco nomes fictícios para não expô-las. Trata-se de duas mulheres que chegaram muito novas a duas casas para trabalhar como domésticas. O título do texto remete ao fato de que as famílias para as quais trabalham se referem a elas como alguém que integra essas famílias, quando, na verdade, essas mulheres tiveram sua juventude roubada em uma relação de exploração do trabalho infantil que ultrapassou as barreiras da infância e prosseguiu na fase adulta.

“Divindades femininas” traz minha admiração por divindades como Iemanjá, Maria Madalena, Nossa Senhora e Yansã, contestando, inclusive, a imagem de um Deus todo poderoso, homem, que, conforme defendem muitos religiosos, defende a submissão e opressão da mulher.

A crônica intitulada “Dores” fala de violência doméstica, mais precisamente da violência física, que causa dor no corpo e na alma. Nesta última, inclusive, quando a vítima procura apoio, as pessoas a quem recorre preferem ficar do lado do agressor, experiência que não acontece na crônica “Régua”, na qual é relatado o

acolhimento vivido por mim, após um caso de importunação sexual, que é contado com mais detalhes na crônica “Segunda chance”.

O tema da imposição de padrões estéticos está presente em dois textos: “Gordofobia” e “Marília Mendonça”. Ambos tratam do preconceito contra mulheres gordas. Esta última foi escrita na ocasião do falecimento da cantora sertaneja Marília Mendonça, pois quando ela morreu o obituário do jornal *Folha de São Paulo* destacou o que chamou de “briga com a balança” por parte da artista, deixando de lado sua exitosa carreira.

Na parte dos textos mais “espinhosos”, por fim, há também as crônicas “Trabalho feminino” e “Voluntariado ou trabalho remunerado?”. Na primeira, aponto a desvalorização do trabalho feminino tanto no espaço privado quanto no público, trazendo experiências minhas e de outras mulheres, com quem convivo. Na segunda, desabafo imensamente quanto a uma situação em que não fui contratada para uma vaga de trabalho em um lugar no qual atuava como voluntária há cerca de 10 anos, pois preferiram contratar um homem. Trago a reflexão de que não sou um caso isolado e que isso acontece pelo fato de as pessoas acharem que o lugar da mulher é na filantropia, e que reconhecimento profissional é algo exclusivo para o sexo masculino.

O primeiro livro que lancei, *Trânsitos de alma*, me ensejou uma participação numa atividade cultural na Cozinha Solidária do bairro Itararé, em Vitória, que fazia distribuição de marmitas para famílias em situação de vulnerabilidade social durante a pandemia da covid-19. Certa vez, fui convidada para uma ação de doação de livros para pessoas beneficiadas por essa iniciativa, por isso, levei alguns exemplares do meu. Lá, percebi que as mulheres, embora tivessem à disposição livros para adultos, preferiam pegar os infantis para dar aos filhos e netos. Diante disso, concluí que essas mulheres, que saíram cedo dos bancos escolares e hoje enfrentavam uma jornada dupla ou até tripla de trabalho,

queriam dar às suas crianças oportunidades que elas não tiveram. O assunto foi tratado na crônica “Livros e marmitas”.

Agora, vamos à parte “doce” do livro. Ela começa com a crônica “Ascendência”, na qual falo sobre as minhas três avós, sendo duas paternas, a mãe biológica e a madrasta do meu pai; e a mãe da minha mãe. São lembranças do que vivi com as que conheci e projeções do que poderia ter vivido com a que não conheci. “Borracha partida ao meio” é uma homenagem a uma grande amiga, Elizabeth Nader, e mostra a relação de solidariedade que se criou entre nós duas quando buscávamos alcançar o mesmo objetivo: passar no mestrado em Comunicação & Territorialidades da Ufes.

Em “Carta a minha amiga”, me dirijo a uma grande amiga, cujo nome oculto e a qual demonstro minha alegria em perceber que aos poucos ela vem se despidendo dos inúmeros preconceitos que principalmente a família e a Igreja incutiram nela, passando a ser uma mulher mais livre no pensar, no direito de ir e vir, nas próprias escolhas. “Larissas” é uma crônica na qual mostro minha felicidade em ter como amigas as duas Larissas, que são a Larissa Héliida, uma amizade de quase três décadas, e a Larissa Moro, de um pouco mais de 30 anos. Rememoro a infância, a adolescência ao lado delas.

A infância e a adolescência também estão presentes em “Quinze de outubro”, uma homenagem a quatro professoras: Leocádia, que me alfabetizou; Tânia, que me deu a primeira aula de educação sexual da minha vida; Marília, que fez florescer em mim a paixão pelo Jornalismo; e Sandra, que sempre me foi muito solidária. Também homenageio mulheres como Amarílis, kardecista; Dona Maria, benzedeira católica; e Mãe Néia, do Candomblé; na crônica “Mulheres de Fé”.

Na crônica “Obrigada!” agradeço a algumas mulheres que, como trabalhadoras, me prestaram serviços de maneira muito humanizada. Nela, me refiro à minha mãe, Corita; à médica Camila Pôncio; e a uma motorista de aplicativo, a Nádia.

As homenagens não são somente para as mulheres do mundo real, pois as personagens do meu escritor preferido, Jorge Amado, tornaram-se também personagens da crônica “Mulheres de Jorge Amado”, na qual destaco, por exemplo, a coragem de Lívia, do livro *Mar Morto*, de ir para o mar viver da pesca, e a quebra dos protocolos e convenções por parte de Gabriela, do livro *Gabriela, cravo e canela*.

Assim, entre dores e amores, prazeres e desprazeres, *Agridoce* é o resultado de reflexões e questionamentos que venho fazendo ao longo da minha vida, baseados em fatos que vivi ou testemunhei até então. Busca desnaturalizar o que é tão naturalizado em nossa sociedade, contestar o que nos é apresentado como “verdade absoluta”, contribuir para o empoderamento feminino e para a desconstrução do machismo e da misoginia.

Trata-se, portanto, de uma leitura destinada não somente para as mulheres, mas também para os homens, que devem ser inseridos no debate sobre o machismo para que possam questionar suas próprias perspectivas e participar ativamente da construção de uma sociedade mais igualitária.

Recebida em: 1 de setembro de 2024.  
Aprovada em: 21 de setembro de 2024.